

Educação para a Cidadania Global AS 4 DIMENSÕES

Para aprofundar a reflexão da Rede em torno do conceito de Educação para a Cidadania Global, fizemos uma recolha de pequenos textos de apoio sobre 4 dimensões constitutivas da ECG: pedagógica, trabalho colaborativo, ética, política.

Para cada uma destas dimensões formulámos duas questões, de modo a que contribuíssem para o desenvolvimento das nossas próprias interrogações e pensamentos.

No vídeo do educador popular da Costa Rica, Oscar Jara, podem encontrar uma síntese de como ele vê a ECG (vejam em [:https://www.youtube.com/watch?v=pWHNXVxuaSk](https://www.youtube.com/watch?v=pWHNXVxuaSk))

DIMENSÃO PEDAGÓGICA

A partir da leitura do documento que se segue,

- reflitamos sobre a questão: porque faz sentido fazer ECG na escola?
- completemos a seguinte frase: A ECG só é ECG se tiver uma dimensão pedagógica que ...

“O DESAFIO E A PAIXÃO DE APRENDER”

No âmbito da arte de educar, inspirado no texto de Paulo Freire: “Não há docência sem discência” e dedicado a João Francisco de Souza

Oscar Jara H.

“Quem disse que o educador não tem a responsabilidade de ensinar, é demagogo ou mente ou é incompetente... mas a questão é saber se o acto de ensinar acaba por si só ou, se pelo contrário, o acto de ensinar é apenas um momento fundamental da aprendizagem...”

“Professores” e “alunos”: a aventura de desafiar e de sermos desafiados

Uma das principais contribuições críticas de Freire à pedagogia, que fez com que toda a lógica do processo ensino-aprendizagem fosse repensada, gira à volta da afirmação de que não é possível transmitir ou transferir conhecimentos de uma pessoa para outra, afirmação central onde se sustenta toda a visão “bancária” da educação. E não é possível porque a transmissão unilateral de informação, que é logo memorizada e repetida, não constitui um facto educativo nem produz realmente conhecimento. Tal não é possível, porque o conhecimento é sempre um processo activo no qual as pessoas acedem às novas informações a partir das informações que já possuem, desenvolvendo processos de identificação, associação, símbolos, generalização, reafirmação ou negação entre os velhos conhecimentos e as novas informações.

É por isso que desde a educação popular concebemos a aprendizagem como uma tarefa criativa onde se constrói e reconstrói conhecimentos, mas principalmente onde nos formamos e formamo-nos de novo como pessoas, como sujeitos capazes de pensar, de sentir, de fazer, de transformar. E, como tal, não se pode reduzir o ensino a um simples tratamento de conteúdos, pois este leva a cabo todo um rico e completo processo onde se produzem as condições para que possamos aprender

criticamente. Freire diz: *“Essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes... os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”*

Gerar condições para a aprendizagem crítica pressupõe um papel integral de compromisso por parte do educador ou da educadora com todo o processo de construção de capacidades, pelo que exige a disposição de assumir o risco de partilhar pesquisas e perguntas e não só afirmações ou negações; reconhecer que não se tem todas as respostas e estimular o sentido crítico de pesquisa, de preocupação, de não conformismo: *“O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar as capacidades críticas do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (idem).*

É por isso que o papel de um professor democrático é considerado mais como sendo o papel de um **desafiador** e não o papel de um “facilitador”. (...)

Ao pensar como se fossemos “desafiadores” ou “desafiadoras”, colocamo-nos no papel de actores e actrizes do processo, ou seja, somos sujeitos activos e comprometidos com as pessoas com quem trabalhamos, com o contexto de cada uma, com os seus dilemas, com as suas opções e possíveis alternativas. Por isso, talvez o nosso primeiro “desafio” venha do grupo. São estas pessoas que nos desafiam com as suas perguntas, os seus interesses (ou desinteresse), os seus conhecimentos, as suas afirmações ou contestações sobre os conteúdos que têm de ser trabalhados; a percepção que têm de nós referente ao nosso papel, às nossas capacidades e comportamentos; as suas expectativas, palavras ou silêncios... a simples presença destas pessoas num espaço educativo constitui por si só um desafio para todos nós.

Sentirmo-nos desafiados/as pelo grupo de estudantes com quem trabalhamos, é, talvez, a primeira atitude democrática que podemos utilizar para conceber **condições e disposições de aprendizagem** para, como diz Freire: “criar possibilidades” para a produção ou construção do conhecimento: saber que não se conhece, ao certo, tudo sobre dos conteúdos que devem ser tratados; saber que as pessoas do grupo também têm os seus conhecimentos, as suas dúvidas e as suas exigências; porém, ao mesmo tempo saber que podemos enfrentar este desafio porque nos preparámos da melhor forma possível: temos informações, critérios,

ferramentas e procedimentos para abordar, com criatividade e crítica, o assunto que deve ser estudado. Resumidamente, é adoptarmos a posição de diálogo entre “professores/as e estudantes”.

In Rizoma freireano • Rhizome freirean - n. 4 • 2009 • Instituto Paulo Freire de España